



As metáforas na construção dos sentidos: uma análise da fala de Weintraub na reunião ministerial do governo Bolsonaro (em 22/04/2020)

Metaphors in the Construction of Meanings: An Analysis of Weintraub's Speech at the Bolsonaro Government Ministerial Meeting (04/22/2020)

José Elderson de Souza-Santos

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo / Brasil
CAPES

eldersonsantos@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4295-5855>

Resumo: Este trabalho, situado na interface dos estudos textuais com a Linguística Cognitiva, volta-se à reunião ministerial do governo Bolsonaro (Brasil) ocorrida no dia 22 de abril de 2020, focalizando a fala do então ministro da Educação, Abraham Weintraub. O objetivo geral desta investigação é: analisar como as metáforas contribuem para a construção de sentidos da fala de Abraham Weintraub. Já os objetivos específicos são: a) identificar, classificar e mapear as metáforas emergentes e b) analisar a relação entre as metáforas emergentes e a construção argumentativa do texto. De modo a alcançar os objetivos estabelecidos, as metáforas constantes no texto analisado foram identificadas (Dienstbach, 2018), classificadas em metáforas convencionais, metáforas conceituais, metáforas situadas, novos desdobramentos metafóricos e nichos metafóricos (Lakoff; Johnson, 2002; Vereza, 2007; 2013), e foram também mapeadas (Kövecses, 2002). Entre as metáforas localizadas, destaca-se o aparecimento da metáfora: POLÍTICA É GUERRA/LUTA. Esta, quando contraposta à metáfora POLÍTICA É JOGO, dá origem ao desdobramento *política é jogo, mas deve ser guerra/luta*, posição central defendida pelo locutor. De modo a justificá-la, Weintraub destaca que a disputa que o grupo da reunião trava contra seus adversários está sendo perdida e estabelece alvos contra os quais devem atuar: Brasília e o Estado.

Palavras-chave: Cognição; metáfora; argumentação; discurso político; governo Bolsonaro.

Abstract: This work, located at the interface of textual studies with Cognitive Linguistics, focuses on the ministerial meeting of the Bolsonaro government (Brazil) that took place on April 22, 2020, focusing on the speech of the then Minister of Education, Abraham Weintraub. The general objective of this investigation is: to analyze how metaphors contribute to the construction of meanings in Abraham Weintraub's speech. The specific objectives are: a) to identify, classify and map the emerging metaphors and b) to analyze the relationship between the emerging metaphors and the argumentative construction of the text. In order to achieve the established objectives, the constant metaphors in the analyzed text were identified (Dienstbach, 2018), classified into conventional metaphors, conceptual metaphors, situated metaphors, new metaphorical developments and metaphorical niches (Lakoff; Johnson, 2002; Vereza, 2007; 2013), and also mapped (Kövecses, 2002). Among the localized metaphors, the emergence of the metaphor stands out: POLITICS IS WAR/FIGHT. This, when opposed to the metaphor POLITICS IS GAME, gives rise to the unfolding *policy is game, but it must be war/fight*, a central position defended by the speaker. In order to justify it, Weintraub highlights that the dispute that the group at the meeting is having against its adversaries is being lost and establishes targets against which they must act: Brasília and the Brazilian state.

Keywords: Cognition; metaphor; argumentation; political discourse; Bolsonaro government.

Recebido em 16 de dezembro de 2022.

Aceito em 28 de agosto de 2023.

1 Considerações iniciais

Este trabalho, que está situado na interface dos estudos textuais com a Linguística Cognitiva, volta-se à reunião ministerial do governo Bolsonaro¹ (Brasil) ocorrida no dia 22 de abril de 2020, focalizando a fala

¹ Bolsonaro foi eleito pelo Partido Social Liberal (PSL) para governar a República Federativa do Brasil por 4 anos (de 2019 a 2022). Sua eleição teve como alguns pilares o conservadorismo, o nacionalismo, a militarização, os discursos de ódio (conforme definição apresenta em Brugger, 2007: machistas, homofóbicos, racistas e xenófobos), o antipetismo e a produção/compartilhamento de *fake news* (Rodrigues; Ferreira, 2020). Tal eleição pode ser analisada como a representação do avanço da extrema-direita no Brasil, a qual ganhava forças no mundo e conquistava cada vez mais espaço no território brasileiro.

do ministro da Educação, Abraham Weintraub (período como ministro: 04/2019 – 06/2020). Com foco em desenvolver a investigação e em apontar suas contribuições para a compreensão do discurso político e da argumentação em situação interacional, iremos nos servir do arcabouço teórico e analítico da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) (Lakoff; Johnson, 2002). Como base nesta teoria, questionamo-nos a respeito da fala analisada: como as metáforas emergentes contribuem para a construção de sentidos da fala de Weintraub?; a) quais são e como estão organizadas as metáforas emergentes no texto analisado? b) como as metáforas encontradas contribuem para a construção argumentativa do texto? Para responder a tais questões, nosso objetivo geral é: analisar como as metáforas contribuem para a construção de sentidos da fala de Abraham Weintraub. Já nossos objetivos específicos são: a) identificar, classificar e mapear as metáforas emergentes e b) analisar a relação entre as metáforas emergentes e a construção argumentativa do texto.

A gravação da referida reunião, que faz parte do inquérito (INQ 4831), teve seu sigilo retirado no dia 22 de maio de 2020 pelo ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Celso de Mello (08/1989 – 10/2020), vindo a público juntamente com sua transcrição (utilizada como base para nossa investigação). Este material, conseqüentemente, constitui-se como dado autêntico, resultante de uma efetiva interação entre sujeitos, possibilitando lidar com ocorrências reais de metáforas (juntamente com aspectos pragmáticos, culturais e discursivos a elas relacionados)², e não somente com exemplos artificialmente criados, o que contribui para nos alinhar à perspectiva cognitiva-discursiva³ de investigação da metáfora, em que seu *locus* é o discurso (Vereza, 2010).

O estudo da metáfora conceptual é um marco nas Ciências Cognitivas, sobretudo na Linguística Cognitiva. Postulando a TMC

² Vereza (2016) explica que o trabalho com dados autênticos confere “[...] maior legitimidade às conclusões propostas do que no caso de exemplos ‘inventados’ (Gibbs, 1999).” (Vereza, 2016, p. 21).

³ Segundo Freitas (2019), esta perspectiva é norteadada pela compreensão de que: “o fenômeno metafórico é fruto de uma articulação entre língua, cognição e discurso, instância esta em que se dá a sua criação, organização, reestruturação e mesmo convencionalização. É no uso da língua, em situações discursivas as mais variadas, que a metaforicidade emerge, estando diretamente associada a contingências pragmáticas, sociais e culturais, bem como à multidimensionalidade da significação, as quais caracterizam o funcionamento da linguagem.” (Freitas, 2019, p. 40).

na obra *Metaphors we live by* (“Metáforas da vida cotidiana”), Lakoff & Johnson (2002) contribuem para reorientar a investigação de tal objeto, até então abordado principalmente como figura de linguagem, passando a concebê-lo como pertencente ao pensamento. Logo, esta concepção permite compreender a metáfora como não somente vinculada à linguagem literária ou a textos retóricos.⁴ Essa seria, nesse sentido, uma prática cotidiana resultante da interação entre linguagem e outros processos cognitivos⁵. Assim, não só falaríamos utilizando metáforas, mas também pensaríamos, o que implica dizer que todo nosso sistema conceptual possui base metafórica. As investigações que se seguiram com base nessa Teoria deixaram mais evidentes a relação entre o aspecto corporificado da cognição, como a abordagem de Grady (1997), e seu aspecto sociocultural, como a abordagem de Kövecses (2002; 2010).⁶

⁴ Soares da Silva & Leite (2015) apontam ao menos três pilares basilares à TMC. O primeiro deles é que metáforas e metonímias são naturalmente fenômenos cognitivos e não simplesmente poéticos e retóricos, estando presentes não só na linguagem erudita, mas também na linguagem cotidiana. Assim, “[...] pensamento, linguagem, comunicação e ação são intrínseca e fundamentalmente metafóricos” (Soares da Silva; Leite, 2015, p. 2). O segundo ponto diz respeito ao fato de as metáforas e as metonímias serem organizadas a partir a projeção de domínios conceptuais, “[...] ora de um domínio noutra distinto (metáfora), ora de um subdomínio noutra dentro de um mesmo domínio (metonímia).” (Soares da Silva; Leite, 2015, p. 2). E a terceira base da TMC consiste em conceber as metáforas e as metonímias como fundamentadas em nossas experiências, principalmente as corpóreas.

⁵ Resumidamente, neste artigo, “[...] a cognição é compreendida como um conjunto de processos por meio dos quais somos capazes de organizar o mundo em termos simbólicos e nele atuar de forma semioticamente variada, adquirindo, armazenando, construindo e modificando conhecimentos em meio a práticas sociais situadas e compartilhadas no decurso de nossas mais variadas *inter-ações*.” (Morato, 2017, p. 400, grifo da autora).

⁶ A discussão de Lakoff & Johnson (2002) é base para estudos diversos que os sucedem e, segundo Morato & Freitas (2017, p. 142-143), “A partir de orientações teórico-metodológicas que vão desde um cognitivismo mais clássico (Lakoff; Johnson, 1980; Lakoff, 1987; Lakoff; Turner, 1989), passando por abordagens de cunho experiencialista (Grady, 1997; Lakoff; Johnson, 1999), até perspectivas ancoradas em fatores socioculturais, pragmáticos e multimodais (Steen, 2011; Kövecses, 2005; Semino, 2008; Gibbs, 2011; Cameron, 2007; Charteris-Black, 2004; Vereza, 2010, 2013; Cameron; Deignan, 2006; Forceville, 2006, 2010), os estudos recentes compartilham a premissa de que a metáfora é fundamental ao conhecimento e à compreensão do mundo.”

Vereza (2010) avalia ser possível alocar os variados estudos voltados a esse objeto em três *loci*: o da linguagem, o do pensamento e o do discurso. No primeiro, vigora a posição de que a metáfora é um recurso retórico e poético, figurando somente em textos específicos. No segundo, situa-se a posição dos autores fundadores da TMC. A metáfora é, então, concebida como relevante para a explicação da cognição humana, permitindo-nos analisar como conhecemos, pensamos e atuamos no mundo.⁷ No terceiro, a metáfora é compreendida como um processo não só cognitivo, o qual, ao mesmo tempo, organiza e resulta de nossa cognição, mas também discursivo, sobre a qual implicam questões culturais, sócio-históricas, ideológicas, políticas, argumentativas e de organização textual, de modo geral. Neste *locus*, encontramos abordagens como a de Musolff (2004), Cameron & Deignan (2006), Vereza (2007; 2010; 2013), Dienstbach (2018) e Freitas (2019), às quais nos alinhamos.

Em consonância com esta terceira abordagem, salientamos, a seguir, algumas posições teóricas que orientam nossa investigação:

- (i) Se agimos e falamos metaforicamente, visto que nosso sistema conceptual possui base metafórica (Lakoff; Johnson, 2002), as metáforas estarão presentes e possuirão influência sobre os sentidos dos mais variados tipos de texto; aqui, especialmente, a fala de Abraham Weintraub. Tais metáforas, enquanto dados advindos de uma produção textual efetiva, podem ser identificadas, classificadas e mapeadas conforme orientam os estudos discutidos na seção de metodologia.
- (ii) No escopo da relação entre metáfora e discurso, compreendemos que a argumentação é parte importante e integrante do processo de formulação de sentidos (Amossy, 2007, 2011). Se a argumentação, assim como as metáforas, está, em maior ou menor

⁷ Lakoff & Johnson (2002) destacam que normalmente não temos consciência do nosso sistema conceptual e, assim, cotidianamente pensamos e agimos de forma mais ou menos automática. Tal realidade coloca os estudiosos da cognição frente à dificuldade de compreender efetivamente como é nosso sistema conceptual. Uma saída seria acessá-lo através da linguagem, tendo em vista ser a linguagem baseada no mesmo sistema conceptual, metaforicamente organizado, que mobilizamos ao pensar ou agir. É ainda na linguagem que as metáforas são por nós efetivamente explicitadas.

grau, presente em todos os textos, mostra-se coerente a projeção, já sustentada por estudiosos da área (Vereza, 2007; 2010; 2013), de que em dado momento essas duas se cruzem em prol da construção dos sentidos. Isto nos leva a conjecturar que a análise da relação entre metáfora e argumentação, na fala de Weintraub (que se trata de um texto político⁸), pode ser feita considerando o aparecimento de não somente metáforas convencionais e de suas bases conceituais, mas também de outros fenômenos metafóricos que contribuem para que possamos nos debruçar mais atentamente sobre a relação entre metáforas e argumentação, como as metáforas situadas, os novos desdobramentos e os nichos metafóricos; pois estes, afirma Vereza (2016), tendem a possuir mais efeitos sobre e a serem mobilizadas em prol da construção argumentativa do texto, haja vista que seus manejos pressupõem utilização mais consciente⁹ pelo locutor.

- (iii) É relevante e necessário vincular os sentidos das metáforas estudadas à interação imediata entre locutor(es) / interlocutor(es) e a aspectos contextuais e discursivos mais amplos relacionados aos grupos sociais em que o(s) locutor(es) e seu(s) interlocutor(es) se insere(m).
- (iv) As metáforas possuem efeito sobre os sentidos de todo o texto, e não somente sobre raciocínios pontuais, contribuindo para os movimentos de construção/direcionamento dos sentidos em que o locutor investe no ato de manifestação do seu texto. A esse respeito, cabe destacar que falar da relação entre as metáforas e a construção argumentativa dos textos é considerar, ainda, que aquelas emergem ao lado de outros recursos, como gerenciamento do tópico, construção de objetos de discurso, mobilização intertextual, enquadramentos etc., constituindo a construção argumentativa dos textos. Estes recursos, embora quase não sejam aqui explorados,

⁸ Ao tratar da tomada de textos políticos, conforme o aqui analisado, como *corpus* para análises sobre metáforas, Musolff (2004) explica que “se nossas experiências e conceptualizações sociais são organizadas em termos de metáforas, a política, como parte do domínio social, também deve ser percebida e construída metaforicamente.” (Musolff, 2004, p. 2).

⁹ Embora a própria autora indique haver controvérsias a respeito do caráter mais ou menos consciente de metáforas novas; discussão sobre a qual não nos debruçaremos aqui.

também podem possuir expressiva influência sobre os sentidos da fala investigada.

Esta investigação contribui para desnudar os sentidos da fala de Weintraub, sua fundamentação, seu tom beligerante e seus alvos, utilizando-se, para tanto, de um conjunto de dispositivos analíticos que permitem apreender diferentes modos de manifestação do processo metafórico. Além disso, evidencia a consonância entre os modos do locutor compreender o mundo, agir sobre ele e construir sentidos através dos textos, o que contribui para explicar as bases e o funcionamento da ideologia vigente durante o governo Bolsonaro, como os ataques aos poderes da República (como o STF), à democracia, ao papel social do Estado, às medidas de cuidado coletivo de combate à Covid-19, bem como a atuação do ministro da Educação no governo, como sua atitude combativa assumida contra estudantes, pesquisadores, escolas e Instituições Federais de Ensino Superior, sua assunção de posicionamentos ideológicos alinhados ao neoliberalismo e à extrema-direita (Torres, 2020).

Este trabalho está organizado em quatro seções, para além das considerações iniciais e finais: As metáforas na construção argumentativa de textos; Sobre a política, o discurso político e o bolsonarismo; Questões metodológicas: como identificar, classificar e mapear metáforas?; e Resultados: metáforas e construção dos sentidos/argumentação.

2 As metáforas na construção argumentativa de textos

Vereza (2007) sustenta que até mesmo a metáfora quando estudada do ponto de vista do pensamento emerge na linguagem em uso, podendo ser melhor compreendida quando considerado seu contexto discursivo¹⁰. Esta asserção se dá na esteira de investigações como a de Cameron & Deignan (2006), que propõem que o estudo das metáforas ocorra de modo bidirecional (do pensamento para o discurso; do discurso para o pensamento), objetivando dar conta, sobretudo, de metáforas novas emergentes em textos para além dos literários. Diante dessa realidade, Vereza (2007) tanto discute sobre os novos desdobramentos de

¹⁰ Vereza (2007) esclarece que “a visão discursiva da metáfora pressupõe a metáfora conceptual, como importante ferramenta na construção de significados em determinados campos do discurso.” (Vereza, 2007, p. 491).

metáforas convencionais (aquelas já discutidas em autores como Lakoff & Johnson, 2002), quando propõe as noções de metáfora situada e nicho metafórico, fenômenos metafóricos que, quando estudados, permitiriam direcionar a lupa investigativa ao uso real das metáforas, tendo como foco o manejo argumentativo dessas (voltaremos a estas categorias na seção de metodologia).

Ao se debruçar especificamente sobre a noção de argumentação que embasa seu trabalho, Vereza (2007), citando Amossy, explica a existência de, ao menos, duas linhas gerais de abordagem desse fenômeno: a forte e a fraca. A primeira direciona seus estudos sobretudo a técnicas argumentativas cujos focos são a persuasão, tendo como autores mais representativos Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005), pertencentes à Nova Retórica. A segunda, por sua vez, estaria mais alinhada aos estudos amossynianos, que promovem o diálogo entre abordagens vinculadas à Retórica (clássica e nova) e à Análise do Discurso (AD) de linha francesa. Amossy (2007; 2011) concebe a argumentação não somente como uma utilização pontual (quando se tem um claro propósito de convencer), mas como subjacente a todo tipo de discurso (texto)¹¹, o que se pode denominar de dimensão argumentativa (Amossy, 2007; 2011), havendo, dentre esses, discursos (textos) em que a argumentação aparece de forma mais expressiva, denominados pela autora de intenção argumentativa (Amossy, 2007; 2011).

Amossy (2011) explica que realiza tal distinção pois: “[...] é preciso diferenciar entre a estratégia de persuasão programada e a tendência de todo discurso a orientar os modos de ver do(s) parceiros(s).” (Amossy, 2011, p. 131). Nesse sentido, a dimensão argumentativa decorre da natureza dialógica do discurso (texto), o qual “[...] comporta como

¹¹ Cavalcante, Pinto & Brito (2018) sustentam ser preferível falar em textos e não em discursos de dimensão e intenção argumentativa, orientação que seguimos neste trabalho. Explicam as autoras: “[...] não compartilhamos a ideia de que a distinção entre dimensão argumentativa e visada argumentativa se dê apenas no âmbito das relações discursivas. Pleiteamos que esta é estabelecida também no âmbito das relações textuais. É principalmente pela organização composicional de um texto que se pode verificar se há uma estrutura sequencial dominante, tal como salienta Adam (2017), evidenciando a seleção e hierarquização de argumentos em direção a uma tese. Na verdade, somente quando o texto tem sequência argumentativa dominante é que se pode dizer que ele tem visada argumentativa. Por essa razão, sugerimos que seja preferível falar em texto, não em discurso, de visada e de dimensão argumentativa.” (p. 10).

qualidade intrínseca a capacidade de agir sobre o outro, de influenciá-lo.” (Amossy, 2007, p. 122). Isso significa dizer que: “[...] mesmo a fala que não ambiciona convencer busca ainda exercer alguma influência, orientando modos de ver e de pensar.” (Amossy, 2011, p. 129). A intenção argumentativa, por outro lado, aparece exatamente em discursos (textos) nos quais a argumentação se desenvolve de modo mais expressivo, em que o propósito de convencer o outro pode ser identificado mais claramente (como no discurso político).

Amossy (2011) explica ainda que: “quando há a intenção, o discurso escolhe uma ou mais modalidades argumentativas – uma estrutura de troca particular que permite o bom funcionamento da estratégia de persuasão.” (Amossy, 2011, p. 131). Isso significa dizer que, para Amossy (2011), mesmo os discursos (textos) de intenção argumentativa nem sempre têm seu funcionamento orientado em prol do estabelecimento de consensos, acordos; embora a argumentação pautada no dissenso seja costumeiramente excluída “[...] do debate democrático que, na opinião geral, deve ser racional, equilibrado e buscar o acordo.” (Amossy, 2017, p. 228). Assim, a autora propõe haver modalidades de argumentação diversas, como a demonstrativa, a negociada e a polêmica (Amossy, 2011). A respeito desta última, explica: “[...] é caracterizada por um confronto violento de teses antagônicas [sic], em que duas instâncias em total desacordo tentam superar a convicção da outra, ou de uma terceira que as ouve, atacando as teses contrárias.” (Amossy, 2011, p. 131-132).

Em nossa discussão, fundamentamo-nos em Amossy (2007; 2011) ao tratar de argumentação. Avaliamos, portanto, que a argumentação, antes de constituir uma atividade unicamente persuasiva, que estaria ligada à construção de sentidos pontuais no texto, constitui também uma atividade de construção dos sentidos globais; sendo a recíproca verdadeira: a construção dos sentidos são sempre, do mesmo modo, uma atividade argumentativa (não necessariamente de convencimento, mas de orientações de interpretações possíveis do dizer). Seguindo essa linha de raciocínio, consideramos que, em textos de intenção argumentativa, os recursos de construção textual mobilizados em prol da argumentação, como as metáforas, terão sempre, ao mesmo tempo, um efeito geral e um efeito específico quando os analisamos com foco nos sentidos construídos no texto. Ou seja, tais recursos, além de operarem em prol da construção

e sustentação de argumentos específicos, são fundamentais aos sentidos do texto como um todo.

3 Sobre a política, o discurso político e o bolsonarismo

Palumbo (2013), com base em Chilton, explica que é possível conceituar a política macro e a política micro. A primeira diz respeito à disputa entre indivíduos e/ou grupos por manter, tomar ou resistir ao poder. Nesta “[...] existem instituições políticas do Estado, nas quais há normas concernentes à constituição, aos códigos civis e criminais, a partir das quais os políticos estão engajados com o propósito de alcançar o poder dominante e nele se manter.” (Palumbo, 2013, p. 75). A segunda:

[...] pode ser considerada tanto cooperação – como ocorre nas práticas e nas instituições sociais que têm por objetivo resolver interesses de classes a respeito de dinheiro, de influência, de valores etc. – quanto disputa de dominação, conflitos de interesse entre grupos. Neste conceito de política, que pode ser entendido como política diária, incluem-se os discursos dos cidadãos em protestos, em apresentações de propostas cívicas e em outros tipos de manifestações e de reuniões. (Palumbo, 2013, p. 74).

Percebe-se, pois, que nossa análise incide sobre um texto cuja produção se deu no âmbito da micropolítica, mas partes da circulação, da interpretação e dos seus efeitos sobre as relações sociais se deram no âmbito da macro política.

Dentro da política, o discurso, conforme Palumbo (2013), ocupa papel de destaque, pois:

[...] é somente no e pelo discurso que se torna possível comandar, abrir espaços de discussão e de deliberação, legislar, desenvolver tratados e alianças, prometer, negociar, convencer e persuadir; atividades inerentes à instância política e, consecutivamente, à cidadã, visto que é também nas práticas discursivas que essas duas interagem. (Palumbo, 2013, p. 73).

Os discursos (textos), segundo Van Dijk (2015), permitem o exercício do poder, já que, através deles, pode-se controlar o outro, sua

mente, seus modelos de contexto¹² e suas ações, sem que seja necessário recorrer à imposição física (o que não é comumente bem-visto em uma democracia). É por isso que, na instância política, na qual o poder é explicitamente aquilo em torno do que giram as disputas, o discurso, que podemos denominar discurso político, ganha papel de destaque, sendo prática sobre a qual os agentes políticos investem recorrentemente a fim de manterem ou alcançarem o poder.

Conforme a fala do ministro-chefe da Casa Civil Braga Netto (02/2020 – 03/2021), a pauta da reunião aqui analisada seria o plano de retomada econômica, denominado programa Pró-Brasil. No desenvolver do evento, porém, diversas outras questões são apresentadas, as quais aparecem vinculadas, sobretudo, à postura e à função dos interlocutores dentro do governo. Cabe apontar, precisamente, o constante remanejamento de tópico discursivo promovido pelo ocupante do cargo da presidência da república, Jair Bolsonaro, tratando não sobre o plano em si, mas sobre questões políticas mais particulares que o plano em questão. Abraham Weintraub, por figurar como um dos ministros mais alinhados ao governo, segue a mesma postura, e não trata, em sua fala, sobre assuntos relacionados ao seu ministério, ou diretamente ao plano (conferir Apêndice A). O ministro da Educação é o 15º a se pronunciar, tendo a fala de determinados interlocutores influência sobre a sua (ver seção de análise).

Quanto ao contexto social de produção do texto investigado, é importante considerar que em abril de 2020 (mês e ano da reunião) o Brasil passava por seu segundo mês de enfrentamento efetivo à Covid-19, dentro da pandemia, visto que o primeiro caso oficial da doença no país fora registrado no final de fevereiro daquele ano. A Organização Mundial da Saúde (OMS) orientou que o combate à doença fosse pautado, sobretudo, em medidas de cuidados coletivos, que envolvem uso de máscara, higienização das mãos e de espaços e distanciamento social (muitas vezes rígido, envolvendo o fechamento de serviços

¹² Segundo Van Dijk (2015, p. 24): “esses modelos de contexto apresentam representações dos próprios participantes, de suas ações em curso e seus atos de fala, de seus objetivos e planos, do cenário (tempo, lugar, circunstâncias) ou de outras propriedades relativas ao contexto. Os modelos de contexto monitoram o discurso, dizendo aos usuários da língua que informações relevantes em seus modelos de evento devem ser expressas em seu discurso, e como esse discurso deve ser adaptado para as propriedades do contexto comunicativo (por exemplo, através do uso de expressões dêiticas, pressuposições sobre o conhecimento e papéis dos participantes, etc.).”.

públicos e privados). No entanto, conforme registram pesquisadores como Cavalcante (2021) e Bentes & Morato (2021), Bolsonaro e seus seguidores assumiram, frente à pandemia, postura negacionista, tratando as preocupações com as vidas ceifadas pelo vírus como “histeria”, a doença como uma “gripezinha”, promovendo remédios que supostamente ajudariam a tratar a doença, como a Hidroxicloroquina, mas que não possuíam comprovação científica a tal feito (Ferreira; Andricopulo, 2020), e executando assistência insuficiente do Governo Federal a estados e municípios (Abrucio *et al.*, 2020). As medidas de distanciamento social, promovidas por estados e municípios, foram avaliadas por Bolsonaro e seus seguidores como um cerceamento à liberdade, ao direito de ir e vir.

Bolsonaro, inclusive, chegou a criticar o fechamento temporário do comércio como tática de enfrentamento ao vírus, cogitando intervenção do Governo Federal a fim de derrubar as decisões a esse respeito tomadas por Governos Estaduais e Municipais. Em 15 de março, um mês e sete dias antes da reunião, manifestantes pró-governo foram à rua em apoio ao governo Bolsonaro, e sob o incentivo deste¹³, corroborando sua retórica negacionista, posicionando-se contra o Congresso e o STF. No dia 15 de abril de 2020, sete dias antes da reunião, o STF, por sua vez, reconheceu “competência concorrente de estados, DF, municípios e União no combate à Covid-19”¹⁴, o que garantia o direito de estados e municípios de, em prol do combate à pandemia e visando ao cuidado com a saúde coletiva, imporem medidas necessárias de isolamento, como o fechamento do comércio.

O governo Bolsonaro, em seu início, foi formado por 22 ministérios. No que concerne ao Ministério da Educação (MEC), do qual Abraham Weintraub era ministro à época da reunião ministerial em que consta a fala aqui analisada, foi inicialmente assumido por Ricardo Vélez Rodrigues (01/2019 – 04/2019). Após a saída de Vélez da função, Weintraub, economista, até então secretário-executivo da Casa Civil, componente do que se habituou denominar ala ideológica do governo Bolsonaro, assume o comando da pasta (04/2019 – 06/2020). A postura dele frente ao Ministério foi marcada, conforme Torres (2020), pelo corte de

¹³ Mais informações em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/politico-que-tem-medo-de-rua-nao-serve-para-ser-politico-diz-bolsonaro-sobre-dia-15.shtml>>. Acesso em: 01 jun. 2023.

¹⁴ Informação disponível em: <<http://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=441447&ori=1>>. Acesso em: 01 mar. 2021.

investimentos em educação, atitude combativa assumida contra estudantes, pesquisadores, escolas e Instituições Federais de Ensino Superior, assunção de posicionamentos alinhados ao neoliberalismo e à extrema-direita, busca por militarização das escolas, busca por privatização das universidades públicas e nomeação de reitores a universidades que não haviam sido democraticamente eleitos para tais cargos. Além disso, foram comuns nas manifestações públicas do então ministro, nas redes sociais, ou não, a produção/compartilhamento de *fake news* e a promoção de discursos de ódio (Brugger, 2007), especialmente tendo como alvo a esquerda e as minorias sociais (Tomás; Tomás; Andreatta, 2020).

Vê-se, pois, que a assunção de política enquanto guerra/luta/combate é constante no bolsonarismo, especialmente por parte do próprio Bolsonaro e de seus seguidores mais fiéis, como Weintraub. Essa posição repercute, recorrentemente, em uma retórica beligerante, a qual toma como armas recursos importantes ao avanço do populismo de direita (Rodrigues; Ferreira, 2020) pelo mundo na atualidade, como as já mencionadas *fake news* e os discursos de ódio. Outrossim, essa realidade, de assumir política enquanto guerra, repercute na prática cotidiana e na administração governamental, como mostra o dado divulgado pelo Tribunal de Contas da União (TCU), de que “Governo Bolsonaro mais que [dobrou] número de militares em cargos civis”¹⁵, com relação às administrações anteriores. Conforme observamos nas manifestações que compõem a reunião, essa retórica, com a pandemia, que agravou a já deteriorada governança do país por Bolsonaro, foi intensificada e moldada à situação social em questão, de modo a fazer parecer que as medidas de cuidados coletivos, além de restringirem direitos (como supostamente a liberdade), foram as responsáveis pela situação calamitosa pela qual passava o país, bem como teriam sido conspirativamente motivadas pela busca de atores sociais diversos em prejudicar o governo Bolsonaro.

4 Questões metodológicas: como identificar, classificar e mapear metáforas?

Amparamo-nos, neste artigo, no processo de identificação de metáforas proposto por Dienstbach (2018), o qual se baseia na

¹⁵ Informação disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/07/17/governo-bolsonaro-tem-6157-militares-em-cargos-civis-diz-tcu.ghtml>>. Acesso em: 21 fev. 2021.

metaforicidade, ou seja, na “[...] possibilidade de reconhecimento de uma expressão metafórica como tal [...]” (Dienstbach, 2018, p. 287). O pesquisador, argumentando não haver um único modelo que dê conta sozinho e completamente da identificação e da análise da metaforicidade no discurso, discorre sobre onze métodos que auxiliam a identificação de metáforas: 1 - não convencionalidade, 2 - repetição, 3 - saturação, 4 - explicitação, 5 - marcação gráfica, 6 - acompanhamento adverbial, 7 - diretividade, 8 - classe gramatical, 9 - imagens e gestos, 10 – posição e 11 - marcação prosódica. São esses métodos, organizados e propostos pelo autor, aqueles que guiam nossa busca por metáforas no texto, visto que, quando projetados sobre a fala analisada, permitem sinalizar quais excertos e expressões possuem maior possibilidade de serem, de fato, metáforas; assim, direcionando a análise, permitindo a confirmação e o aprofundamento das possíveis metáforas enquanto tais e nos levando às etapas seguintes de análise, que consistem na classificação e na descrição do mapeamento das metáforas efetivamente encontradas.

Cabe destacar que o instrumento proposto por Dienstbach (2018) congrega métodos de identificação de metáforas que explicam (e servem a) a possibilidade de identificação e reconhecimento de metáforas tanto por falantes comuns, quanto por especialistas na análise de metáforas. Pontua o pesquisador: “a principal finalidade de um instrumento de análise de metaforicidade é auxiliar investigações que, em algum momento, se ocupam da natureza e do funcionamento da metáfora no discurso.” (Dienstbach, 2018, p. 301). Por isso, esse autor assume que investigações científicas em que há necessidade de identificação de metáforas, como a que aqui realizamos, poderiam se beneficiar do instrumento por ele desenvolvido. Isto porque o reconhecimento de metáforas, especialmente em análises científicas, envolve não somente a intuição dos falantes, mas também “[...] análises quantitativas e qualitativas da ocorrência de metáforas no discurso que sejam capazes de demonstrar (indiretamente) [...] a possibilidade desse reconhecimento” (Dienstbach, 2018, p. 288).

É importante registrar ainda que os métodos 5, 9 e 11 não foram por nós utilizado em nossa busca por ocorrências de metáforas. O método 5 - marcação gráfica foi desconsiderado visto que as ocorrências analisadas resultam de uma interação falada, que, embora tenha sido transcrita, não contém marcações gráficas significativas à análise (conferir Apêndice A). O método 9 - imagens e gestos não foi utilizado pois recorreremos, para análise, à transcrição das falas que compuseram a reunião, e não ao seu

formato em vídeo. O método 11 - marcação prosódica, conquanto seja típico do texto falado, esbarra em limitações instrumentais e técnicas¹⁶, conforme explicado por Dienstbach (2018), e, por esse motivo, também foi por nós desconsiderado.

A classificação das metáforas encontradas é realizada a partir de Lakoff & Johnson (2002) e Vereza (2007; 2013). Trabalhamos, assim, com cinco categorias de análise: as metáforas convencionais, as metáforas conceptuais, as metáforas situadas, os novos desdobramentos metafóricos e os nichos metafóricos. Passemos a explicá-las.

As metáforas convencionais (que também podem ser denominadas como sistemáticas) são aquelas que, com a recorrência de uso, passaram a ser utilizadas de forma convencional no nosso dia a dia. Essas passaram a ser estudadas com maior afinco a partir da compreensão de que as metáforas fazem parte do pensamento humano, visto que contribuem significativamente para a organização de nosso sistema conceptual. Longe de serem um recurso unicamente poético e/ou retórico, estas estão presentes no cotidiano humano, estando estabilizadas tanto no nível do sistema linguístico, quanto nos usos culturalmente recorrentes. Por isso, as metáforas convencionais podem ser analisadas sem que suas presenças sejam identificadas em um texto; ou seja, fora da língua em uso, por meio de exemplos artificialmente criados para tal fim. São exemplos de metáforas convencionais: fulano é um mala; hoje estou pra baixo; a vida (não) é um conto de fadas; carrego muitos problemas nos ombros; hoje estou lento; estou de cabeça cheia. Avaliamos que os desdobramentos de tais metáforas, como veremos a seguir, quando emergidos na linguagem em uso, adquirindo sentidos próprios a dado texto, possuem o mesmo *status* das metáforas situadas (novas), já que são episódicos e criativos.

¹⁶ A respeito do método 11, Dienstbach (2018) tece as seguintes considerações: “A partir da análise acústica de corpora de produções orais de falantes de inglês e de francês, Cloiseau (2007) constata que padrões específicos de intensidade e de frequência fundamental de uma expressão metafórica – necessariamente, em um segmento de fala – também poderiam aumentar as chances do seu reconhecimento como tal. Uma maneira de verificarmos o funcionamento desse recurso poderia ser, por exemplo, através da análise acústica da oralização de poemas – tal como acontece com a canção brasileira Monte Castelo (Russo, 1989), cuja letra inclui estrofes do soneto clássico *Amor é um fogo que arde sem se ver* (Camões, 1953 [1595], p. 135). Em função das limitações práticas que incidem sobre a elaboração e apresentação deste instrumento, não encontramos uma maneira de exemplificar esse recurso.” (p. 300).

As metáforas convencionais, assim como ocorre com as metáforas situadas, possuem como base metáforas conceituais. Estas são definidas e diferenciadas por Lakoff & Johnson (2002) como metáforas estruturais, orientacionais e ontológicas. A primeira manifestação consiste nas ocorrências em que “[...] um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro.” (Lakoff; Johnson, 2002, p. 59).¹⁷ A segunda manifestação, diferentemente, “[...] organiza todo um sistema de conceitos em relação a um outro.” (Lakoff; Johnson, 2002, p. 59). Estas, por sua vez, recorrentemente estão relacionadas à orientação espacial, como cima/baixo, dentro/fora, frente/atrás, possuindo, destarte, relação direta com nossa estrutura corpórea.¹⁸ Já as metáforas ontológicas se vinculam a nossa experiência com objetos físicos (inclusive nossos corpos), e dizem respeito a “[...] formas de conceber eventos, atividades, emoções, ideias etc. como entidades e substâncias.” (Lakoff; Johnson, 2002, p. 76).¹⁹ Estas possuem como extensão o fenômeno da personificação, que é tratado pelos autores como um processo geral que dá conta de explicar a projeção de características humanas sobre objetos ou conceitos abstratos.

Vereza (2013), ao discutir a relação entre metáforas e argumentação, aborda aquilo que define como metáfora situada. Estas correspondem a metáforas episódicas, locais, as quais, geralmente, advêm de metáforas conceituais, que as subjazem (como ocorre nas metáforas convencionais). Assim, as metáforas novas seriam licenciadas por “[...] marcas ou evidências lingüísticas de estruturas cognitivas [...]” (Vereza, 2007, p. 491), as quais correspondem às metáforas conceituais subjacentes. No entanto, a estudiosa explica que as metáforas novas redirecionam o centro da análise do sistema para o uso, passando a investigação a focar não somente no processamento cognitivo fundamental para a construção de metáforas (como se faz no estudo das metáforas convencionais), que, claro, está presente também nas metáforas situadas, mas também na inserção e nos efeitos dessas nos textos.

¹⁷ Aqui, exemplos de metáforas estruturais são ESTADOS SÃO LOCAIS; PALAVRAS SÃO ARMAS.

¹⁸ Aqui, exemplos de metáforas orientacionais são FELIZ É PRA CIMA, TRISTE É PRA BAIXO.

¹⁹ Aqui, exemplos de metáforas ontológicas são INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE, IDEIAS SÃO RECURSOS.

A esse respeito, Vereza (2007) afirma que uma questão importante nesta perspectiva é a busca por compreender a organização e o funcionamento das metáforas criativas, em oposição às metáforas convencionais. Nesse sentido, os novos desdobramentos das metáforas convencionais, também discutidos pela autora, possuem o mesmo *status* das metáforas situadas. Sobre isso, a pesquisadora elucida que Lakoff & Johnson (2002) utilizam o termo desdobramentos ao explicar como tais metáforas novas (quer situadas, quer por desdobramentos) derivam ou de metáforas conceptuais, “[...] ou [de] construto cognitivo com mapeamentos convencionalizados.” (Vereza, 2007, p. 488). A autora exemplifica:

Assim, porque existiria, por exemplo, uma metáfora A VIDA É UMA VIAGEM e DIFICULDADE É PESO, eu posso criar uma expressão como “fulano é uma mala (já convencionalizada), mas sicrano é uma mochila de náilon”, por meio de desdobramentos (*entailments*) ou novos mapeamentos ou correspondências (Lakoff; Turner, 1989) entre os domínios fonte e alvo. (Vereza, 2007, p. 492, grifo da autora).

Diferentemente das metáforas convencionais, as metáforas situadas, segundo Vereza (2007; 2013), caracterizam-se por conduzir “[...] cognitiva e discursivamente, todo um desdobramento, ou mapeamento textual, *online*, episódico, construindo um determinado objeto de discurso (Mondada; Dubois, 2003), ou um ponto de vista, de uma maneira deliberada.” (Vereza, 2013, p. 6, grifo da autora).²⁰ É assim, pois, que elas atuam no cenário argumentativo. A estudiosa ressalta que tal fenômeno metafórico não é somente discursivo por estar presente no nível cognitivo do uso da linguagem, mas também por se situar claramente na convergência entre cognição e pragmática, projetando luz sobre este complexo entrelace.

Além das metáforas situadas, levaremos em consideração também a noção de nicho metafórico. Esta categoria possibilita explicar

²⁰ Aqui, um exemplo discutido por Vereza (2013) é *mulher mais velha é gorgonzola*, cuja base conceptual é *MULHER É COMIDA*. Cabe notar que, seguindo aquilo que é tradição nos estudos da metáfora, as metáforas situadas são sempre sinalizadas em letras minúsculas e em itálico (Cf. Vereza, 2013), como a ocorrência apresentada neste rodapé (*mulher mais velha é gorgonzola*), enquanto as metáforas conceptuais são sinalizadas em letras maiúsculas (Cf. Lakoff; Johnson, 2002), como a ocorrência também apresentada neste rodapé (*MULHER É COMIDA*).

a conjunção de expressões metafóricas diversas que origina/licencia uma ou mais metáforas situadas, bem como aquilo que Vereza (2007) define como argumento metafórico novo (que discutimos anteriormente enquanto novos desdobramentos). Tais expressões aparecem encadeadas ou entrelaçadas, dando ao texto uma orientação argumentativa e uma coesividade comunicacional. Como exemplo, ver os nichos metafóricos apresentados na seção de análise deste trabalho. É pertinente frisar que as expressões metafóricas, que consistem na expressa manifestação (linguística) das metáforas no texto (embasando as análises, as reflexões e as teorizações linguísticas), não devem ser confundidas com as categorias de metáforas apresentadas ao longo deste trabalho (metáforas convencionais, metáforas conceptuais, metáforas situadas, novos desdobramentos metafóricos e nichos metafóricos), as quais constituem construtos teóricos que visam à apreensão científica das distintas formas de manifestação da metáfora. Nesse sentido, explica Vereza (2010): “[...] as expressões metafóricas encontradas na linguagem são evidências de metáforas conceptuais que as licenciam.” (p. 206).

Acerca do mapeamento de metáforas, Kövecses (2002) explica que este permite apreender um conjunto de projeções entre um domínio-fonte (origem) e domínio-alvo (destino). Estes, geralmente, correspondem a conceitos mais abstratos, já aqueles, a conceitos mais concretos ou físicos. É assim, pois, que a metáfora O AMOR É UMA VIAGEM resulta da projeção das características de uma viagem (domínio-alvo), conceito relativamente mais concreto, sobre amor (domínio-fonte), relativamente mais abstrato. Nesse sentido, segundo o autor, dizer que um termo *a* é entendido em termos de *b* equivale a dizer que há sistemáticas correspondências entre a fonte e o alvo, o que é tecnicamente denominado de mapeamento. Logo, na presente investigação, descrevemos o mapeamento das metáforas encontradas, identificando os domínios que interagem nas suas constituições.

Em nossa análise, de modo a alcançar os objetivos propostos, inicialmente, conforme sistematizamos no quadro 1, identificamos, classificamos e mapeamos as metáforas presentes no texto investigado, seguindo as orientações analíticas discutidas nesta seção. Em seguida, conforme sistematizamos no quadro 2, apresentamos os desdobramentos metafóricos que decorrem das metáforas convencionais identificadas no momento inicial, descrevendo, ainda, a função argumentativa que esses ocupam no texto. Por fim, tratamos da relação entre as metáforas

emergentes, o texto em que se encontram, o gerenciamento feito pelo locutor sobre essas ao longo de sua fala, as situações comunicativas mais imediata e mais ampla das quais fazem parte e em que se insere o locutor e seus interlocutores, o que contribuiu para se observar destacadamente o papel das metáforas na construção dos sentidos.

5 Resultados: metáforas e construção dos sentidos/argumentação

A seguir, apresentamos o quadro 1, no qual se encontram sistematizadas a classificação e a descrição do mapeamento das metáforas identificadas na fala do locutor (cuja íntegra se encontra no Apêndice A).

Quadro 1 – Classificação e descrição do mapeamento das metáforas identificadas na fala de Weintraub

IDENTIFICAÇÃO		CLASSIFICAÇÃO	MAPEAMENTO
EXPRESSÕES QUE LICENCIAM	METÁFORA		
a luta pela liberdade perder a liberdade, perder esse país.	LIBERDADE É UM BEM VALIOSO	Metáfora convencional do tipo estrutural (o conceito de liberdade é estruturado em termos de bem valioso)	Domínio-fonte: Liberdade Domínio-alvo: Um bem valioso
Brasília. Isso daqui é um cancro de corrupção, de privilégio	CORRUPÇÃO É UM CÂNCER	Metáfora convencional do tipo estrutural (o conceito de corrupção é estruturado em termos de câncer)	Domínio-fonte: Corrupção Domínio-alvo: Câncer
A gente não tá sendo duro o bastante contra os privilégios, com o tamanho do Estado A gente veio aqui pra acabar com tudo isso, não pra manter essa estrutura.	O ESTADO É UMA ESTRUTURA	Metáfora convencional do tipo estrutural (o conceito de Estado é estruturado em termos de estrutura)	Domínio-fonte: O Estado Domínio-alvo: Uma estrutura

o tamanho do Estado teta	O ESTADO É UM ANIMAL	Metáfora convencional do tipo estrutural (o conceito de Estado é estruturado em termos de animal de grande tamanho e com teta – como um porco, uma vaca ou outros mamíferos)	Domínio-fonte: O Estado Domínio-alvo: Um animal
Eu vim aqui pra lutar. E eu luto e me ferro A gente tá conversando com quem a gente tinha que lutar A gente não tá sendo duro o bastante contra os privilégios, com o tamanho do Estado eu realmente tô aqui de peito aberto, como cês sabem disso, levo tiro... eu também tô levando bordoadas e tô correndo risco militando de peito aberto	POLÍTICA É GUERRA/LUTA	Metáforas convencional do tipo ontológica (trata-se de uma forma de conceber a atividade política a partir de nossas experiências com guerras/lutas)	Domínio-fonte: Política Domínio-alvo: Guerra/Luta
mais da metade aqui desse time tem o jogo que é jogado aqui eu não vim pra jogar o jogo	POLÍTICA É JOGO	Metáforas convencional do tipo ontológica (trata-se de uma forma de conceber a atividade política a partir de nossas experiências com jogos, especialmente aqueles jogados em equipes - times)	Domínio-fonte: Política Domínio-alvo: Jogo

embarcar junto	OBJETO É RECIPIENTE	Metáforas convencional do tipo ontológica (trata-se de uma forma de conceber um objeto enquanto recipiente a partir de nossas experiências; o ato de embarcar ou não em uma embarcação é estar dentro ou fora dela: estar dentro é preencher o recipiente embarcação, estar fora é esvaziar o recipiente embarcação)	Domínio-fonte: Objeto Domínio-alvo: Recipiente Esquema imagético: dentro-fora
embarcar junto ver a... a mais da metade aqui desse time chegar o que me trouxe até aqui ouvi muitos ministros que vi... chegaram, foram embora a gente chegou até aqui A gente veio aqui	RELACIONAMENTO É UMA VIAGEM	Metáforas convencional do tipo ontológica (trata-se de uma forma de conceber o evento/a atividade relacionamento a partir de nossas experiências com viagens, com início - em que se chega, meio e fim - em que se vai embora)	Domínio-fonte: Relacionamento Domínio-alvo: Uma viagem Esquema imagético: origem-percurso-meta
Eu tive o privilégio de ver a... a mais da metade aqui desse time chegar.	<i>O governo Bolsonaro é um time</i>	Metáfora situada Metáfora conceptual de base: POLÍTICA É JOGO	Domínio-fonte: O governo Bolsonaro Domínio-alvo: Um time
isso daqui é um palácio, existem intrigas palacianas	<i>O governo Bolsonaro é um palácio</i>	Metáfora situada Metáfora conceptual de base: O PODER É UMA ESTRUTURA.	Domínio-fonte: O governo Bolsonaro Domínio-alvo: Um palácio

Fonte: elaboração própria.

Como podemos observar no quadro 1, foram identificadas dez metáforas. Destas, quatro são metáforas estruturais, quatro são metáforas ontológicas e duas são metáforas situadas. Tais metáforas, se isoladas umas em relação às outras e do contexto em que emergem, não seriam suficientes para compreender como se desdobram os sentidos da fala em

questão, visto que, assim, ficariam de fora questões de natureza semântica, pragmática, interacional e contextual, fundamentais para compreensão da relação entre as metáforas e a construção dos sentidos.

Nesta fala, as metáforas estruturais são as bases para um conjunto de novos desdobramentos (ver quadro 2, em que estes se encontram sistematizados) fundamentais à construção dos sentidos do texto estudado, ou seja, à argumentação construída pelo locutor. Tal argumentação promove, nessa interação, a polêmica e o dissenso, já que, como vemos no texto, coloca sob questionamento o desempenho político do grupo e se situa contrariamente a outras manifestações de participantes daquele evento; ademais, Weintraub se posiciona competitivamente num ambiente de conflito de interesses sobre como agir, como desenvolver o plano do governo, como enfrentar adversários etc.

Quadro 2 – Novos desdobramentos metafóricos

METÁFORA(S)	DESDOBRAMENTO	FUNÇÃO ARGUMENTATIVA
POLÍTICA É GUERRA/ LUTA + POLÍTICA É JOGO	<i>política é jogo, mas deve ser guerra/luta</i>	Tese central. Defender que tipo de política deve ser praticada por ele e seu grupo
POLÍTICA É GUERRA/ LUTA + LIBERDADE É UM BEM VALIOSO	<i>a busca por liberdade é uma luta que está sendo perdida</i>	Evidenciar que a luta pela liberdade está sendo perdida, portanto, é necessário intensificar essa luta para evitar tal perda.
CORRUPÇÃO É UM CÂNCER	<i>Brasília é um câncer de corrupção</i>	Apresentar mais um alvo a ser combatido, o que reforça a postura bélica do locutor. A corrupção é concebida como um aspecto constitutivo de Brasília, o qual se dissemina de modo descontrolado e doentio.
O ESTADO É UMA ESTRUTURA / O ESTADO É UM ANIMAL + OBJETO É RECIPIENTE	<i>o Estado, enquanto estrutura volumosa ou animal de grande porte, é um recipiente preenchido por privilégios</i>	Apresentar mais um alvo a ser combatido, reforçando a necessidade de vivenciar política enquanto guerra/luta. O Estado, aqui, é apresentado como inimigo disforme, obeso, volumoso (um grande inimigo), contra o qual o locutor e seus interlocutores devem agir de forma dura.

Fonte: elaboração própria.

Inicialmente, a posição central do texto de Weintraub, que consiste na defesa de uma política mais combativa, bélica, agressiva,

reagente, por parte dele e de seus interlocutores, é constituída a partir do contraste das duas metáforas sobre política (POLÍTICA É GUERRA/LUTA e POLÍTICA É JOGO). Para tanto, o locutor contrapõe tais metáforas, o que gera um desdobramento, de modo a defender que tipo de política deve ser praticada por ele e por seu grupo. Tal contraposição e tal desdobramento se evidenciam no excerto 4. Nele, como destacamos a seguir, aparecem um conjunto de asserções relacionados ao domínio-alvo: Guerra/Luta (comuns também no esporte), que materializam a proposição do locutor em conceber política não como jogo, mas sim como guerra/luta. Tem-se, portanto, um nicho metafórico, o qual decorre do desdobramento (*política é jogo, mas deve ser guerra/luta*) gerado pelo contraste das duas metáforas elencadas:

(1) Excerto 4, constante no Apêndice A

Eu percebo que tem, assim, tem o jogo que é jogado aqui, mas eu não vim pra jogar o jogo. **Eu vim aqui pra lutar. E eu luto e me ferro.** Eu tô com um monte de processo aqui no comitê de ética da presidência. Eu sou o único que levou processo aqui. Isso é um absurdo o que tá acontecendo aqui no Brasil. **A gente tá conversando com quem a gente tinha que lutar. A gente não tá sendo duro o bastante** contra os privilégios, com o tamanho do Estado e é o... eu realmente **tô aqui de peito aberto**, como cês sabem disso, **levo tiro...**

Este nicho metafórico, junto a um outro conjunto de asserções (ver excertos 1, 2, 5, 6, 7 e 9), metáforas (como: LIBERDADE É UM BEM VALIOSO e CORRUPÇÃO É UM CÂNCER) e seus desdobramentos, contribui para a construção da imagem de Weintraub como lutador, aguerrido, austero, libertador, patriota e que coloca os interesses coletivos frente aos interesses particulares. Esta argumentação, que investe na valorização da imagem daquele que discursa (ou seja, na construção de um *ethos*), é importante pois busca colocar o locutor em posição de respaldo diante de seus interlocutores. No texto em questão, Weintraub se vangloria, pois, mesmo diante das adversidades, da luta que está sendo perdida e dos efeitos de tal luta sobre si, continua de “peito aberto”, lutando em prol dos ideais do grupo, sem deixar seus interesses particulares prevalecerem, o que o possibilita ser compreendido, inclusive, como um exemplo a ser seguido pelos demais.

Como indicamos, quando contrastadas, as metáforas sobre política dão origem ao seguinte desdobramento: *política é jogo, mas deve ser guerra/luta*. Uma das justificativas a tal guerra/luta é o fato de

se conceber que **LIBERDADE É UM BEM VALIOSO**; no contexto em questão, a luta já travada por esse bem estaria sendo perdida, logo, estaria reforçada a necessidade de se lutar pela liberdade. Tem-se, aqui, um novo desdobramento: *a busca por liberdade é uma luta que está sendo perdida*, que alicerça este raciocínio: a luta pela liberdade está sendo perdida, portanto, é necessário intensificar tal luta, para evitar tal perda. Esse desdobramento ocorre a partir da interação entre as metáforas **POLÍTICA É GUERRA/LUTA** e **LIBERDADE É UM BEM VALIOSO**, sendo a base para duas asserções presentes nos excertos 2 e 9, as quais materializam tal desdobramento. São elas: “A gente tá **perdendo a luta pela liberdade**”; “E a gente pode sim **perder a liberdade**, perder esse país.”.

Além disso, ao evocar a metáfora **CORRUPÇÃO É UM CÂNCER**, que se desdobra em *Brasília é um câncer de corrupção* (desdobramento este que trata a corrupção como um aspecto constitutivo de Brasília, o qual se dissemina de modo descontrolado e doentio), Weintraub apresenta mais um alvo a ser combatido, o que reforça sua postura bélica. Este desdobramento faz parte de um processo no qual o locutor se engaja na construção do referente²¹ Brasília (destacando características negativas deste), que, além de “cancro de corrupção, de privilégio” (excerto 1), é uma “porcaria” (excerto 1), “muito pior do que eu podia imaginar” (excerto 1), local em que as pessoas “perdem a percepção, a empatia, a relação com o povo” (excerto 1). Esse processo pode ser avaliado como tendo importante efeito argumentativo, já que se trata de um movimento por meio do qual o locutor mobiliza:

“[...] dentre os conhecimentos culturalmente pressupostos como partilhados, [...] *características ou traços do referente que devem levar o interlocutor a construir dele determinada imagem*, isto é, a vê-lo sob um determinado prisma, o que lhe permite extrair do texto informações importantes sobre opiniões, crenças e atitudes do seu produtor, de modo a auxiliá-lo na construção do sentido [...]”. (Koch, 2019a, p. 35-36, grifo nosso).

²¹ Num processo no qual “O sujeito, por ocasião da interação verbal, opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição, realizando escolhas significativas para representar estados de coisas, com vistas à concretização de sua proposta de sentido. (Koch, 2019a, p. 34-35).

Tendo em vista o fato de estarmos analisando um texto político, avaliamos que Brasília, aqui, representa não a cidade em si, mas a política e os poderes da República ali instalados, como o STF, o qual, inclusive, é mencionado por Weintraub. Isso porque, tal cidade, na condição de capital do país, é o centro da política e do poder. Atacar Brasília, portanto, é atacar também a própria política e os poderes que constituem a democracia, como o STF, conforme explicitamente defende Weintraub: “Eu, por mim, botava esses vagabundos todos na cadeia. Começando no STF.” (excerto 3). Logo, ao ser passível de desenvolver um câncer, a política é concebida como organismo vivo, concepção que tem em sua base a metáfora **POLÍTICA É UM ORGANISMO VIVO**, e o câncer-corrupção-Brasília, ao ser postulado como mais um alvo a ser combatido, é apresentado como um inimigo, concepção que tem em sua base a metáfora **DOENÇA É INIMIGO**. De tal modo, haveria, nesse caso, uma sobreposição dos seguintes mapeamentos: **POLÍTICA É UM ORGANISMO VIVO**, **CORRUPÇÃO É UM CÂNCER**, **DOENÇA É INIMIGO** e **POLÍTICA É GUERRA**, a qual contribui para a sustentação da posição do locutor de que Brasília, o câncer de corrupção que aflige o organismo político brasileiro, é um dos alvos a ser combatido na guerra política.

Cabe destacar que Weintraub, ao evocar a corrupção para construção das metáforas apontadas nos parágrafos anteriores, opera sobre uma prática julgada de modo negativo pela sociedade, e cujo combate, embora não efetivado pelo governo Bolsonaro, foi por este elencado como uma de suas bandeiras políticas ao longo da campanha à presidência. Logo, é possível avaliar que colocar a corrupção como uma prática/condição doentia a ser violentamente combatida (como deve ser um câncer) tende a fortalecer a argumentação do locutor perante seus interlocutores, reforçando o ponto de vista de Weintraub em encarar política enquanto guerra/luta e em combater Brasília, já que se trata de uma posição que, em tese, seria consensual/comum àqueles que compõem a reunião.

As metáforas **O ESTADO É UMA ESTRUTURA / O ESTADO É UM ANIMAL** também apresentam mais um alvo a ser combatido, o Estado, reforçando a necessidade de se vivenciar política enquanto guerra/luta. Esse é apresentado como inimigo disforme, obeso, volumoso (um grande inimigo), contra o qual o locutor e seus interlocutores devem agir de forma dura. Vê-se, pois, a partir da fala de Weintraub, que parte das expressões que licenciam estas metáforas também licencia a metáfora **OBJETO É RECIPIENTE**. Assim é que se constrói o desdobramento

de que *o Estado, enquanto estrutura volumosa ou animal de grande porte, é um recipiente preenchido por privilégios* (são apontados como privilégios pelo locutor: a corrupção – excerto 1; os povos – excerto 5; e teta – excerto 6). Tais privilégios (que, em síntese, representam a assitência do Estado à população, de modo geral, e às minorias sociais, de modo específico) são conceptualizados por Weintraub como negativos, portanto, reforça-se o argumento de que a estrutura que eles compõem, o Estado (democrático e com função social), deve ser destruída.

A metáfora RELACIONAMENTO É UMA VIAGEM também emerge no texto, havendo licenciamentos seus nos excertos 1, 2, 4 e 6. A sua função é, sobretudo, estar recorrentemente reativando na memória dos interlocutores a meta coletiva que levaria a esta viagem: “A gente veio aqui pra acabar com tudo isso, não pra manter essa estrutura.” (excerto 6). Trata-se de uma viagem na qual todos estão no mesmo barco (diz Weintraub: “o que me fez, naquele momento, embarcar junto” – excerto 1). Logo, ao evocar esta metáfora, o locutor busca reforçar em seus interlocutores uma postura política mais (coletivamente) bélica, especialmente contra o Estado, já que tal postura faria parte dos objetivos, mesmo que implícitos, do grupo, e que, tal como no deslocamento de uma embarcação, é uma tarefa de toda a tripulação que está nela.

A metáfora situada *O governo Bolsonaro é um time* abre mais um nicho metafórico. Este nicho estabelece um cenário de competição dentro do qual se daria a atuação do time: a disputa, além dos competidores, que seriam o governo e seus alvos, possuiria também uma torcida, que cumpriria a função de gritar/reivindicar seus interesses. Destacamos, a seguir, as asserções que materializam o cenário de competição referido. Estas estão relacionadas ao domínio-alvo: Jogo, o qual pertence à metáfora conceptual de base da metáfora situada analisada (POLÍTICA É JOGO). Vejamos:

(2) Excerto 2, constante no Apêndice A

Eu tive o privilégio de ver a... a mais da metade aqui desse **time chegar**. Eu fui secretário-executivo do ministro Onyx. Eu acho que **a gente tá perdendo** um pouco desse **espírito**. **A gente tá perdendo** a luta pela liberdade. É isso que **o povo tá gritando**. Não **tá gritando** pra ter mais Estado, pra ter mais projetos, pra ter mais... **o povo tá gritando** por liberdade, ponto. Eu acho que **é isso que a gente tá perdendo, tá perdendo mesmo**. A ge... **o povo tá querendo ver o que me trouxe até aqui**.

Considerando o desdobramento analisado nos parágrafos anteriores (*política é jogo, mas deve ser guerra/luta*), o time do governo estaria mais propenso à batalha, do que ao jogo em si. Logo, o próprio ato de jogar o jogo, o que demonstra que o time não teria conseguido impor aos rivais e materializar seu desejo de guerra/luta, evidenciaria que o time estaria perdendo a disputa que trava. Além disso, é importante salientar que “o povo”, que no cenário construído cumpre a função de torcida (que reivindica), grita por aquilo que também defende Weintraub ao longo de sua argumentação, o que consiste em um importante movimento argumentativo. Isto porque o locutor apresenta as pautas que defende como sendo de interesse coletivo/comum, de todo “o povo”, buscando evitar que essas sejam contrariadas pelos interlocutores (que, enquanto políticos e administradores públicos, estariam subordinados aos anseios da população).

Por fim, comendo afirmações feitas pelo locutor que apontam os motivos pelos quais a luta travada está sendo perdida (são elas: “muitos ministros que vi... chegaram, foram embora” – excerto 4; “tem muita gente com agenda própria” – excerto 4), tem-se a metáfora situada *O governo Bolsonaro é um palácio*. Tal metáfora evidencia a equivalência entre a organização do governo Bolsonaro, cuja sede oficial é denominada Palácio do Planalto, e a organização de um palácio, em que há a postura de um rei (entidade de poder máximo, venerada, superestimada) ou outras entidades de elevado poder, que constituem a nobreza/realeza, sua corte, servos e súditos. Em nossa cultura, é comum, além disso, que se retrate, a exemplo da literatura e do cinema, disputas de poder daqueles que estão abaixo do rei por benefícios, cargos, bens, interesses particulares e até mesmo pela coroa, bem como por outros símbolos de superioridade, o que seria condizente com “intrigas palacianas”. Tais disputas podem enfraquecer a nobreza/realeza. Logo, é possível compreender que essa metáfora representa a posição de Bolsonaro frente aos ministros e também as disputas entre eles por poder, as quais prejudicam o desempenho da equipe. Tal metáfora, assim como a metáfora situada anterior (*O governo Bolsonaro é um time*), contribui para construir o referente “governo Bolsonaro”.

Avaliamos que um fator importante que pode ter impactos sobre a relação entre metáfora e argumentação no texto em questão é a modalidade de uso da língua na qual esse foi produzido, ou seja, o fato de sua produção se dar como texto falado. Este, conforme Koch (2019b),

possui “dialogicidade” mais detectável/saliente, frente ao texto escrito, haja vista que na escrita:

[...] a coprodução se resume à consideração do outro para o qual se escreve, não havendo participação direta e ativa deste na elaboração linguística do texto, em função do distanciamento entre escrito e leitor. [...] No texto falado, por estarem os interlocutores copresentes, ocorre uma interlocução ativa, que implica um processo de coautoria refletido na materialidade linguística por marcas de produção verbal conjunta. (Koch, 2019b, p. 40).

Sob tal perspectiva, consideramos ser possível pensar a influência do contexto mais imediato de interação, dentro do qual elementos contextuais mais amplos também aparecem, sobre as metáforas emergentes na fala de Weintraub e sobre a relação dessas e a argumentação construída pelo locutor. Nesse sentido, tópicos e metáforas anteriormente mencionados na fala de outros, presentes na reunião, são retomados na fala do locutor aqui analisada, bem como ele assume posturas semelhantes à de alguns interlocutores que parecem estar a si mais alinhados. Vê-se, pois, que as metáforas emergentes na fala de Weintraub, bem como a argumentação que o locutor desenvolve junto a elas, possuem clara influência das falas anteriores.

Inicialmente, é possível analisar que o tom beligerante, dentro do qual emerge a metáfora *POLÍTICA É GUERRA/LUTA*, e que é reforçado pelas expressões que a licenciam e por seus desdobramentos, já estava presente nas manifestações de Salles²², Bolsonaro, Guimarães²³ e Damares²⁴. Tópicos como corrupção, tamanho/presença do Estado, liberdade e povos, os quais emergem sob a ótica do bolsonarismo e aparecem em asserções que licenciam as metáforas *LIBERDADE É UM BEM VALIOSO*, *CORRUPÇÃO É UM CÂNCER*, *O ESTADO É UMA ESTRUTURA / O ESTADO É UM ANIMAL*, bem como em seus desdobramentos, também já haviam aparecido nas falas de Guedes²⁵, Marinho²⁶, Salles, Bolsonaro, Araújo²⁷ e Damares.

²² Ministro do Meio Ambiente. Período: 01/2019 – 06/2021.

²³ Presidente da Caixa Econômica Federal. Período: a partir de 01/2019 – 06/2022.

²⁴ Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Período: 01/2019 – 03/2022.

²⁵ Ministro da Economia. Período: a partir de 01/2019 – 12/2022.

²⁶ Ministro do Desenvolvimento Regional do Brasil. Período: 02/2020 – 03/2022.

²⁷ Ministro das Relações Exteriores. Período: 01/2019 – 03/2021.

O ministro da Educação, na construção de seu *ethos* como lutador, aguerrido, austero, libertador, patriota e que coloca os interesses coletivos frente aos interesses particulares, alinha-se ao *ethos* também construído ao longo da reunião por Guedes²⁸ e Bolsonaro²⁹. Além disso, com as metáforas RELACIONAMENTO É UMA VIAGEM e OBJETO É RECIPIENTE, o locutor se aproxima de metáforas também mobilizadas por Bolsonaro e Teich³⁰, que conceberam governo enquanto barco. Por fim, cabe destacar que a posição defendida por Weintraub, de assumir uma política beligerante, mostra-se expressamente contrária à de interlocutores como Netto e Marinho, que propõem maior investimento do Estado em prol da recuperação do país no pós-pandemia (o que poderia ser um exemplo das disputas palacianas existentes dentro do governo). Isso evidencia a polêmica e o dissenso promovido pela fala de Weintraub, haja vista não somente seu tom beligerante, mas também seu caráter competitivo em relação a outros presentes na reunião.

Avaliamos, a partir da análise aqui realizada, que a fala de Weintraub constitui um texto que possui não somente dimensão argumentativa, mas também intenção argumentativa, nos termos de Amossy (2007; 2011). Esse locutor, ao se manifestar, busca claramente o convencimento de seus pares, embora isso não signifique dizer, como investigamos, que paute sua fala na busca pelo consenso. Quanto ao papel das metáforas nesta fala, ancorados na discussão que faz Vereza (2007) sobre a atuação das metáforas na construção argumentativa, fica evidente que essas contribuem significativamente para a construção dos sentidos globais que o texto alcança, inclusive colaborando para seu desenvolvimento polêmico, já que são primordiais/basilares ao tom beligerante assumido. As metáforas, também, são fundamentais

²⁸ Como exemplo, diz Guedes: “Ô presidente, esses valores e esses princípios e o alerta aí do Weintraub é válido também, como seu... sua evocação é que realmente nós estamos todos aqui por esses valores. Nós tamos aqui por esses valores. Nós não podemos nos esquecer disso. Nós podemos conversar com todo mundo aqui, porque é o *establishment*, é porque nós precisamos dele pra aprovar coisa, mas nós sabemos que nós somos diferentes. Nós temos noção que nós somos diferentes deles.” (p. 59, itálico do autor).

²⁹ Como exemplo, diz Bolsonaro: “Acordem para a política e se exponham, afinal de contas o governo é um só. E se eu cair, cai todo mundo. Agora vamos ca... se tiver que cair um dia, vamos cair lutando, uma bandeira justa. Não por uma babaquice de... de... de exame a... antivírus, pô. Pelo amor de Deus, pô.” (p. 24).

³⁰ Ministro da Saúde. Período: 04/2020 – 05/2020.

para raciocínios pontuais sobre os quais se pauta a argumentação do locutor. Esta realidade coloca em destaque a relação entre as metáforas, a dimensão e intenção argumentativas presentes nesse texto.

Finalmente, cabe destacar a relação entre as metáforas emergentes na fala do locutor, sua argumentação e o contexto mais amplo de sua manifestação. A partir das discussões já traçadas, conclui-se que as metáforas (bem como outros aspectos importantes à construção do texto, como as afirmações, os tópicos e as construções referenciais) surgem dentro da ótica política do bolsonarismo, e, além disso, servem para reforçar e refirmar tal ótica. As posições de Weintraub se colocam claramente alinhadas a características do bolsonarismo, como o neoliberalismo econômico e o conservadorismo sociocultural. Além disso, a pandemia da Covid-19, o fato de esta ter se originado na China, e, por conta dela, terem sido implementadas medidas de cuidado coletivo por governadores e prefeitos (as quais foram reconhecidas como legítimas pelo STF), como o isolamento e o distanciamento social (que restringiam a circulação e a aglomeração de pessoas), necessárias frente ao descaso do Governo Federal, mostram-se aspectos influentes sobre o significado atribuído pelo locutor à liberdade e aos desdobramentos metafóricos constituídos a partir das metáforas *POLÍTICA É GUERRA/LUTA* e *LIBERDADE É UM BEM VALIOSO*. Isso ocorre porque, em tal situação, a necessidade de luta foi direcionada à manutenção da liberdade individual, que supostamente teria sido talhada com as medidas de cuidado coletivo.

6 Considerações finais

Elencamos aqueles que avaliamos serem os principais achados de nossa investigação:

1) Foram identificadas, na análise do texto em questão, conforme sistematizamos nas figuras 1 e 2: metáforas convencionais, metáforas convencionais que adquirem novos desdobramentos, metáforas situadas e pequenos nichos metafóricos. Tal realidade evidencia a criatividade desse processo cognitivo e aponta para a possibilidade de o estudo discursivo da metáfora ter efeitos sobre a ampliação das categorias utilizadas para analisá-la, expandindo o leque de estudos da área, assim como fizeram anteriormente as investigações cognitivas, com Lakoff & Johnson (2002).

2) Os dados mostram que a fala de Weintraub está fundamentada na proposição de vivenciar política enquanto guerra/luta, e não

propriamente como jogo, o que reforça o tom beligerante de sua manifestação. Essa, que pode ser concebida como sua tese central, consiste num desdobramento formulado a partir da contraposição de duas metáforas: POLÍTICA É GUERRA/LUTA e POLÍTICA É JOGO. De modo a justificar sua posição, o locutor, além de destacar que a disputa que o grupo da reunião trava contra seus adversários está sendo perdida (especialmente a luta pela liberdade), estabelece alvos contra os quais ele e seus interlocutores devem atuar: Brasília (a política e certos poderes da República ali instalados, como o STF) e o Estado (seu caráter democrático e sua função social). Verificou-se, ainda, que recorrentemente, conforme mostramos na figura 2, a interação entre metáforas dá origem a novos desdobramentos metafóricos, cujos sentidos emergem na fala em questão (e não *a priori*), em prol da argumentação traçada pelo locutor. Ademais, cabe destacar que Weintraub investe na construção do *ethos* de lutador, aguerrido, austero, libertador, patriota, que coloca os interesses coletivos frente aos interesses particulares. Este *ethos*, além de promover a imagem do locutor diante de seus interlocutores, dando-lhe respaldo, alinha-o à imagem também projetada por Guedes e Bolsonaro na mesma reunião.

3) Foi possível analisar também que a modalidade linguística na qual as metáforas se encontram possuem influência sobre os seus aparecimentos. Aqui, as metáforas analisadas estão presentes na fala, o que favorece que tenham seus sentidos ampliados, conectados e reconstruídos, em conformidade com as características *online* do texto falado (seu processamento em concomitante a sua manifestação), desfavorecendo, portanto, o surgimento de metáforas estáticas, como ocorre ao se trabalhar com exemplos produzidos para tal fim. Outrossim, o texto falado favorece a apreensão da “dialogicidade”, tendo em vista a interação entre locutores e interlocutores, condição esta que mostrou ter repercussão sobre as metáforas emergentes na fala de Weintraub. Assim, os sentidos e as posições de Weintraub presentes no texto se alinham aos sentidos e às posições presentes em outras manifestações anteriores, como as de Salles, Bolsonaro, Guimarães e Damares, mas se contrapõem aos sentidos e às posições presentes em manifestações anteriores de Netto e Marinho. Este aspecto evidencia o caráter polêmico da fala em questão e seu papel na elevação do dissenso nesta interação.

Agradecimentos

Este trabalho, que começou a ser elaborado em 2020 como atividade avaliativa da disciplina Linguagem e Processos Cognitivos (PPG Linguística, Unicamp), foi orientado pela Profa. Dra. Edwiges Morato (Unicamp), a quem agradeço imensamente pela primorosa orientação. Ao ser submetido enquanto parte da Qualificação de Área realizada por mim no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Unicamp, o trabalho foi avaliado pela Profa. Dra. Nathália Freitas (IFSuldeminas) e pelo Prof. Dr. Erik Miletta Martins (UFRN), a quem agradeço pelo rigor das valiosas arguições e sugestões de melhorias. Agradeço, ademais, aos pareceristas anônimos da Revista de Estudos da Linguagem pelas sugestões de ajustes que melhoraram substancialmente o trabalho. Segue sendo de minha responsabilidade os equívocos e as imperfeições mantidos no artigo. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

ABRUCIO, F. L.; GRIN, E. J.; FRANZESE, C.; SEGATTO, C. I.; COUTO, C. G. Combate à COVID-19 sob o federalismo bolsonarista: um caso de descoordenação intergovernamental. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 54, n. 4, p. 663-677, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-761220200354>.

AMOSSY, R. O lugar da argumentação na Análise do discurso: abordagens e desafios contemporâneos. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n. 9, p. 121-146, 2007. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i9p121-146>.

AMOSSY, R. Argumentação e Análise do discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus v. 1, n. 1, p. 129-144, 2011.

BENTES, A. C.; MORATO, E. M. Expressões de violência verbal e reflexividade face ao modelamento sociocognitivo e discursivo da pandemia de Covid-19. *Calidoscópio*, São Leopoldo, v. 19, n. 1, p. 18-31, 2021. DOI: <https://doi.org/10.4013/cld.2021.191.02>.

BOLSONARO chama população às ruas no dia 15 e diz que ato não é contra o Congresso. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/politico-que-tem-medo-de-rua-nao-serve-para-ser-politico-diz-bolsonaro-sobre-dia-15.shtml>>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BRASIL. Serviço Público Federal. MJSP - Polícia Federal: DITEC - Instituto Nacional de Criminalística. *Laudo nº 1242/2020 - INC/DITEC/PF: Laudo de Perícia Criminal Federal (Registros de Áudio e Imagens)*. Disponível em: <http://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=443959&ori=1>. Acesso em: 08 mar. 2021.

BRUGGER, W. Proibição ou proteção do discurso do ódio? Algumas ideias sobre o direito alemão e o americano. *Direito Público*, [S. l.], v. 4, n. 15, p. 117-136, 2007.

CAMERON, L.; DEIGNAN, A. The Emergence of Metaphor in Discourse. *Applied Linguistics*, Oxónia, v. 27, n. 4, p. 671-690, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1093/applin/aml032>.

CAVALCANTE, M. M.; PINTO, R.; BRITO, M. A. P. Polêmica e Argumentação: interfaces possíveis em textos midiáticos de natureza política. *Diacrítica*, Braga, v. 32, n. 1, p. 5-24, 2018. DOI: <https://doi.org/10.21814/diacritica.140>.

CAVALCANTE, S. M. A condução neofascista da pandemia de Covid-19 no Brasil: da purificação da vida à normalização da morte. *Calidoscópio*, São Leopoldo, v. 19, n. 1, p. 4-17, 2021. DOI: <https://doi.org/10.4013/cld.2021.191.01>.

DIENSTBACH, D. Por um analítico sistemático da metaforicidade no discurso. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 18, n. 2, p. 287-306, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-180202-7917>.

FERREIRA, L. L. G.; ANDRICOPULO, A. D. Medicamentos e tratamentos para a Covid-19. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 34, n. 100, p. 7-27, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.34100.002>.

FREITAS, N. L. *Regularidades linguísticas, pragmáticas e discursivas na interpretação de expressões metafóricas por indivíduos com Afasia e Doença de Alzheimer*. 2019. 353 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

GOVERNO Bolsonaro mais que dobra número de militares em cargos civis, aponta TCU. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/07/17/governo-bolsonaro-tem-6157-militares-em-cargos-civis-diz-tcu.ghtml>>. Acesso em: 21 fev. 2021.

GRADY, J. E. Theories are buildings revisited. *Cognitive Linguistics*, [S. l.], v. 8, n. 4, p. 267-290, 1997. DOI: <https://doi.org/10.1515/cogl.1997.8.4.267>.

KOCH, I. G. V. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. *Referenciação e discurso*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2019a. p. 33-52.

KOCH, I. G. V. Especificidade do texto falado. In: JUBRAN, C. S. (Org.). *A construção do texto falado*. São Paulo: Contexto, 2019b. p. 39-46.

KÖVECSES, Z. What Is Metaphor?. In: KÖVECSES, Z. *Metaphor: A Practical Introduction*. New York: Oxford University Press, 2002. p. 03-13.

KÖVECSES, Z. Metaphor, language, and culture. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 26, p. 739-757, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502010000300017>.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas, SP: EDUC / Mercado das Letras, 2002.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M, M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

MORATO, E. M. Linguística Textual e Cognição. In: SOUZA, Edson Rosa Francisco de; PENHAVAL, Eduardo; CINTRA, Marcos Rogério (Orgs.). *Linguística Textual: interfaces e delimitações: homenagem a Ingedore Grünfeld Villaça Koch*. São Paulo: Cortez, 2017. p. 394-430.

MORATO, E. M.; FREITAS, N. L. “A propósito da metáfora” (1975), de Luiz Antônio Marcuschi: apontamentos para uma perspectiva sociocognitiva e interacional da metaforicidade. *Revista Investigações*, Recife, v. 30, n. 2, p. 130-152, 2017. DOI: <https://doi.org/10.51359/2175-294x.2017.231275>.

MUSOLFF, A. *Metaphor and political discourse: Analogical Reasoning in Debates about Europe*. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

PALUMBO, R. *Referenciação, metáfora e argumentação no discurso presidencial*. 2013. 272 f. - Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, São Paulo, 2013.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado de Argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RODRIGUES, T.; FERREIRA, D. Estratégias digitais dos populismos de esquerda e de direita: Brasil e Espanha em perspectiva comparada. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 59, n. 2, p. 1070-1086, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/01031813715921620200520>.

SOARES DA SILVA, A.; LEITE, J. E. R. Apresentação - 35 anos de Teoria da Metáfora Conceptual: Fundamentos, problemas e novos rumos. *Revista Investigações*, rRecife, v. 28, n. 2, p. 1-23, 2015.

STF reconhece competência concorrente de estados, DF, municípios e União no combate à Covid-19. Disponível em: <<http://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=441447&ori=1>>. Acesso em: 01 mar. 2021.

TOMÁS, R. N.; TOMÁS, L. M. N.; ANDREATTA, E. P. Da depravação ao desperdício de recursos: estratégias de desconstrução da universidade pública em redes de *fake news*. *Verbum*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 141-167, 2020.

TORRES, M. Um balanço crítico dos primeiros 18 meses da política educacional do governo Bolsonaro. In: FARIA, F. G.; MARQUES, M. L. B (Orgs.). *Giros à direita: Análises e perspectivas sobre o campo libero-conservador*. Sobral: Sertão Cult, 2020. p. 159-173.

VAN DIJK, T. A. Discurso e cognição na sociedade. *Revista Portuguesa de Humanidades*, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 19-52, 2015.

VEREZA, S. C. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 7, n. 3, p. 487-506, 2007.

VEREZA, S. C. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. *Cadernos de Letras da UFF*, Cidade, n. 41, p. 199-212, 2010.

VEREZA, S. C. “Metáfora é que nem...”: cognição e discurso na metáfora situada. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 65, p. 2-21, 2013. DOI: <https://doi.org/10.17058/signo.v38i65.4543>.

VEREZA, S. C. Mal comparando...: os efeitos argumentativos da metáfora e da analogia numa perspectiva cognitivo-discursiva. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 20, n. 40, p. 18-35, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2016v20n40p18>.

Apêndice A – Fala de Abraham Weintraub recortada em excertos pelo autor do artigo (para melhor possibilidade de análise). Texto produzido durante a reunião ministerial (22/04/2020)

[Excerto 1]

Abraham Weintraub: Tem três anos que, através do Onyx, eu conheci o presidente. Nesses três anos eu não pedi uma única conselho, não tentei promover minha carreira. Me ferrei, na física. Ameaça de morte na universidade. E o que me fez, naquele momento, embarcar junto era a luta pela... pela liberdade. Eu não quero ser escravo nesse país. E acabar com essa porcaria que é Brasília. Isso daqui é um cancro de corrupção, de privilégio. Eu tinha uma visão extremamente negativa de Brasília. Brasília é muito pior do que eu podia imaginar. As pessoas aqui perdem a percepção, a empatia, a relação com o povo. Se sentem inexpugnáveis.

[Excerto 2]

Eu tive o privilégio de ver a... a mais da metade aqui desse time chegar. Eu fui secretário-executivo do ministro Onyx. Eu acho que a gente tá perdendo um pouco desse espírito. A gente tá perdendo a luta pela liberdade. É isso que o povo tá gritando. Não tá gritando pra ter mais Estado, pra ter mais projetos, pra ter mais... o povo tá gritando por liberdade, ponto. Eu acho que é isso que a gente tá perdendo, tá perdendo mesmo. A ge... o povo tá querendo ver o que me trouxe até aqui.

[Excerto 3]

Abraham Weintraub: Eu, por mim, botava esses vagabundos todos na cadeia. Começando no STF. E é isso que me choca. Era só isso presidente,

[Excerto 4]

eu... eu... realmente acho que toda essa discussão de “vamos fazer isso”, “vamos fazer aquilo”, ouvi muitos ministros que vi... chegaram, foram embora. Eu percebo que tem muita gente com agenda própria. Eu percebo que tem, assim, tem o jogo que é jogado aqui, mas eu não vim pra jogar o jogo. Eu vim aqui pra lutar. E eu luto e me ferro. Eu tô com um monte de processo aqui no comitê de ética da presidência. Eu sou o único que levou processo aqui. Isso é um absurdo o que tá acontecendo aqui no Brasil. A gente tá conversando com quem a gente tinha que lutar. A gente não tá sendo duro o bastante contra os privilégios, com o tamanho do Estado e é o... eu realmente tô aqui de peito aberto, como cês sabem disso, levo tiro...

[Excerto 5]

odeia... odeio o partido comunista [REDACTED].

Abraham Weintraub: Ele tá querendo transformar a gente numa colônia. Esse país não é... odeio o termo “povos indígenas”, odeio esse termo. Odeio. O “povo cigano”. Só tem um povo nesse país. Quer, quer. Não quer, sai de ré. É povo brasileiro, só tem um povo. Pode ser preto, pode ser branco, pode ser japonês, pode ser descendente de índio, mas tem que ser brasileiro, pô! Acabar com esse negócio de povos e privilégios. Só pode ter um povo, não pode ter ministro que acha que é melhor do que o povo. Do que o cidadão. Isso é um absurdo,

[Excerto 6]

a gente chegou até aqui. O senhor levou uma facada na barriga. Fez mais do que eu, levou uma facada. Mas eu também tô levando bordoadas e tô correndo risco. E fico escutando esse monte de gente defendendo privilégio, teta. Tendeu? É isso. Negócio. Empréstimos. A gente veio aqui pra acabar com tudo isso, não pra manter essa estrutura. E esse é o meu sentimento extremamente chateado que eu tô vendo essa oportunidade se perder.

[Excerto 7]

Abraham Weintraub: Eu sou, evidentemente, eu tô no grupo dos ministros que tá mais ligado com a militância. Evidente, porque eu era um militante. Eu tava militando de peito aberto, continuo militando. Do ponto de vista de carreira, eu poderia ter quem... tentando me dar bem. Não foi isso que eu fiz. Não foi isso que eu fiz.

[Excerto 8]

Sei que isso daqui é um palácio, existem intrigas palacianas – estou sendo muito franco.

[Excerto 9]

E a gente pode sim perder a liberdade, perder esse país. Ninguém vai se dar bem se a gente perder esse país. Quem vai se dar bem são poucos, pouquíssimas famílias. Pouquíssimas famílias. Não se iludam. Não se iludam. Era isso.

Fonte: LAUDO Nº 1242/2020 - INC/DITEC/PF. Disponível em: <http://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=443959&ori=1>. Acesso em: 08 mar. 2021.